

AS PERSPECTIVAS DA MUSICOTERAPIA

Musicoterapeuta Marly Chagas
IX Fórum Estadual de Musicoterapia - AMTRJ

As perspectivas para musicoterapia serão enfocadas nesse fórum que objetivou a diferença - e sua poética. Estamos em uma sonata para musicoterapeutas. Curiosamente, a sonata é uma obra com vários movimentos para um ou mais instrumentos. Sua característica mais marcante é a maneira própria de apresentar a música: exposição, desenvolvimento e re-exposição. Na **exposição**, o compositor expõe as suas idéias. Há dois temas, cada um dos quais pode ser formado de várias idéias musicais. O primeiro tema é mostrado no tom da tônica, e o segundo tema está numa modulação. No **desenvolvimento** o compositor explora as possibilidades musicais das idéias que apresentou na exposição, desenvolve climas: conflitos, dramas. Os temas são modulados com variação melódica e mudança no ritmo. Até chegar a **re-exposição**, quando o compositor repete, de maneira diferente, as idéias musicais da exposição. A presença da coda é bastante comum. A sonata permite uma complexa trama musical: modulações, arpejos e escalas ascendentes e descendentes, e coda. O andamento também é diversificado em de cada movimento, passando de rápido a moderado, lento ou muito rápido.

Esse momento do IX Fórum foi denominado pela comissão científica de terceiro movimento: *Andante cantabile*. Objetiva a reflexão para “além da clínica, convocando-nos a circunscrever o nosso lugar enquanto categoria profissional”.

Fazendo uma analogia entre a forma sonata e o movimento dos musicoterapeutas, podemos ressaltar alguns paralelos:

Na **exposição** do tema categoria profissional, precisamos afirmar quem somos, o que sabemos fazer, que especificidade temos: o tema da tônica. Escuto, até hoje, jovens musicoterapeutas agoniados por terem que responder à pergunta “o que é mesmo musicoterapia?” Incômodo suscitado em cada um, pois, ao responder, precisamos re-organizar o que sabemos, que trabalho

estamos desenvolvendo, que valores éticos temos aplicado no nosso cotidiano profissional. A serviço de que lógica temos trabalhado: a lógica da inclusão ou a da exclusão?; no compartilhar ou no separar?; na economia sustentável ou no desenvolvimento puramente econômico?; na educação permanente ou no conhecimento absoluto? Simultaneamente, temos a certeza de que o uso da música com finalidades terapêuticas é o que nos distingue na equipe de trabalho, no atendimento individual, na luta social. A modulação desse tema, o segundo tema que a sonata apresenta na exposição, é a realidade subjetiva que cada profissional impõe a esse questionamento. Ao perguntar sobre o que faço e como realizo o que faço, também indago sobre quem sou e como estabeleço as minhas relações nesse mundo que constituo e que me constitui.

No **desenvolvimento** dessa nossa sonata, os temas são modulados com variação melódica e mudanças tonais. O desenvolvimento em uma sonata comporta o estabelecimento de diversos climas, conflitos e dramas. Vejamos algumas variações.

a) *O musicoterapia afetando a realidade: o musicoterapeuta como um estranho.* Uma sociedade tem seus próprios mapas nos quais traça o que se encaixa em seus padrões estéticos, cognitivos e morais. A sociedade forma pessoas de “*vida ordeira e significativa*”. Bauman acredita que o homem na sociedade moderna percebe o outro como amigo, ou como inimigo. O amigo desperta uma sensação de familiaridade, com ele nos sentimos em casa, com ele seguimos uma “lógica de cooperação”. O inimigo nos ameaça, com ele experimentamos a “lógica da luta”.

“Ser amigo e ser inimigo são as duas modalidades nas quais, o *Outro* pode ser reconhecido como outro *sujeito*, construído como ‘um sujeito como eu’. Admitido num mundo em que o eu vive, ser considerado, tornar-se o permanecer relevante. Se não fosse pela oposição amigo e inimigo, nada disso seria possível. Sem a possibilidade de romper o laço de responsabilidade, nenhuma responsabilidade iria se impor como um dever”.

Mas, mesmo assim, a sociedade não tem somente amigos e inimigos. As pessoas que não se encaixam nos mapas cognitivos, estéticos e

morais de uma sociedade, são designados por Bauman de estranhos. “Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos, e os produz de sua própria maneira, inimitável”.

Ora, os musicoterapeutas se inserem em uma sociedade de profissionais de saúde que se inscrevem numa clínica formatada nas práticas médicas. Essas práticas, as do saber médico, na ótica de análise de Foucault, são fundadas em uma divisão essencial entre o normal e o anormal, estabelecidas a partir de um exercício de poder e realizadas como estratégias de normalização que não obrigam nem proíbem, não definem os termos da ordem ou desordem, mas incitam à produção dos atos, dos gestos, dos discursos de acordo com um padrão de normalidade, de acordo com uma tecnologia de poder centrado na vida: o bio-poder. O bio-poder desencadeia uma biopolítica nas relações entre os mecanismos de poder-saber. Podemos, assim, concluir que, na configuração dessa sociedade de saúde segundo parâmetros normativos do normal e do patológico, do predomínio da razão e da domesticação de corpos e afetos, torna-se fácil prever quem são os profissionais amigos, quem são os inimigos, e quem são os estranhos. Nós, os musicoterapeutas, somos os estranhos.

A sociedade do poder médico produz estranhos dentro do seu próprio poder instituído. O estranho musicoterapeuta, trabalhando em hospitais, clínicas, centros de saúde, quebra as expectativas desse sistema, trazendo uma nova lógica ao seu mapa cognitivo, contribuindo com uma outra estética. Terapeuta e músico, sua própria existência questiona o sistema, trazendo à cena, para pensar a situação clínica, canções, expressões sonoras, ruídos, silêncios terríveis. Em que se transformará o musicoterapeuta?, em amigo? em inimigo? Saberá lidar dentro dos limites traçados por essa prática? Irá desorganizar, com sua música todo o espaço tão duramente organizado pelos saberes tradicionais?

O musicoterapeuta, ao quebrar as expectativas ordeiras da sociedade, causa um grande mal-estar, e essa é a mais dolorosa e menos tolerável experiência admitida nos limites da sociedade. Seremos confundidos com outros profissionais, não seremos entendidos na nossa prática, estaremos

submetidos, sentirmos a sensação de não pertencer é muito difícil. Por outro lado, só os que o fazem podem trazer a excitante perspectiva de transgredir a ordem social. Temos todas muitas histórias de situações quase mágicas, de comunicações de beleza e suavidade com o nosso cliente, nossos colegas e mesmo com as equipes nas quais trabalhamos e suas músicas que são inesquecíveis.

A experiência de estranheza levada pelo musicoterapeuta aos lugares em que trabalha enriquece a todos. O musicoterapeuta afeta a realidade em que está inserido.

b) *O musicoterapeuta é afetado pela realidade.* O musicoterapeuta, um profissional habilitado a lidar com os códigos não-verbais, com o musical do povo, enfrenta os desafios que envolvem a sociedade contemporânea. Trabalhando a um só tempo com parâmetros tão diversos - a emoção e a razão, a música e a clínica, a escuta do outro, da instituição e de si mesmo -, é desafiado pelas questões epistemológicas e metodológicas que sua prática suscita. Somos desafiados pela realidade que nos envolve. Convivemos a um só tempo com uma pobreza aviltante e uma riqueza igualmente aviltante. A violência nos cerca encolhendo nossas ações. A solidariedade engrandece nosso cotidiano. Podemos estar em uma clínica cheia de recursos materiais ou em uma comunidade que nem instrumentos possa adquirir, podemos filmar todas as sessões ou não ter tempo nem para registrar os aspectos que consideramos mais importantes da sessão clínica. A realidade e sua imposição de participação para mudanças nos afetam. O outro, o cliente, o colega, a família do cliente nos afetam. Constituímos a sociedade que nos constitui.

Finalizando nossa analogia com a sonata, chegamos à **re-exposição**. Nela, o compositor repete, de maneira diferente, as idéias musicais da exposição e o segundo tema tem uma pequena modificação, voltando à tonalidade principal. Nosso tema: O que é musicoterapia? Modulação do tema: quem sou eu como musicoterapeuta?

Re-exposição do tema: o musicoterapeuta como um profissional que conquista espaços. Atualmente, os musicoterapeutas se empenham na

regulamentação da profissão. O tema se ampliou, o musicoterapeuta não está mais sozinho respondendo a todas as perguntas. Somos uma categoria de profissionais. Associações brasileiras são - ou deveriam ser - o ponto de encontro dos musicoterapeutas. Criamos espaços para o exercício de identificações e diferenciações. Concordâncias e discordâncias apresentam-se em situações novas. Estamos crescendo. Queremos regulamentar a nossa profissão. Deparamo-nos com muitos empecilhos: a escassez dos recursos financeiros, a falta de hábito de participação das discussões da categoria, o desconhecimento da sociedade sobre o que é musicoterapia, e mesmo a concepção da Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público (a comissão atual onde se encontra o nosso projeto de regulamentação) que entende que *“dificilmente, justifica-se a regulamentação de uma profissão, que não sejam as que já estão devidamente regulamentadas”*. Pasmem. Essa é uma das barreiras disciplinares que a nossa categoria enfrenta para sua inserção no mercado de trabalho.

Estamos em campanha para a regulamentação profissional. Eis, portanto, a volta do nosso tema e da sua modulação: quem é o musicoterapeuta? O que é musicoterapia?

Precisamos contar para o outro as nossas histórias, as nossas ações, as nossas concepções, a nossa formação. Precisamos conviver com nossas diferenças. Somos todos musicoterapeutas. As diversas formas de pensar e fazer musicoterapia aparecem e, se quisermos, enriquecem. O musicoterapeuta começa a se inquietar no sentido de realizar uma ação mais efetiva. Aos poucos ampliamos nosso modelo de trabalho, e começamos a nos dedicar a propostas mais ousadas. Nosso trabalho passa a englobar indivíduos, sociedades, comunidades, grandes grupos.

Preocupados com a mudança de valores, estamos nos engajando em situações que envolvem a saúde coletiva. As percepções da expressão criadora, da expressão artística ou mesmo da comunicação através de símbolos musicais podem contribuir para a análise e a intervenção eficaz nas comunidades locais. A poesia da diferença nunca esteve tão presente. Suportaremos isso? Estaremos empenhados em conhecer outros pensamentos,

formas de trabalhar, especificidades humanas? Estaremos aprofundando nosso conhecimento conservando-nos, como categoria, abertos ao outro?

Conseguiremos nos apropriar da música e da terapia e, simultaneamente, abrir mão de certezas? Conseguiremos nos configurar como uma grande rede feita de nós constituídos de conhecimentos, tecnologias, graduados, especialistas, clientes e outros profissionais? Nossa rede comportará essa diversidade de nós e tramas de interligações múltiplas?

A coda é uma sessão de encerramento extra. A minha coda, nesta interpretação da sonata, expõe a esperança de conseguirmos tolerar a diferença. Diferença entre nós e os outros diferentes-iguais a nós, entre nós e o outro igual-diferente de nós. Recorro a Latour (1996), para quem qualquer relação de cura é uma fabricação de subjetividade, uma dobra no tempo e no espaço subjetivo cuja potência da metamorfose se faz com violência e intensidade. Ser musicoterapeuta é estar permanentemente exposto a contrastes: razão e emoção, música e terapia, o eu e o outro. Barreiras tênues entre o possível e o impossível, o trágico e a leveza, a escolha e o destino, a vida, a morte. Que consigamos suportá-las.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LATOUR, B. *Petite réflexion sur le culte moderne de dieux faitiches*. Paris: Institut Synthelabo, 1996.

_____. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

CTASP, CÂMARA DOS DEPUTADOS “*Regulamentação de profissões*”, verbete número 01 da súmula de jurisprudência. 2001.